

записи национальных радио- и телепрограмм или другие аудиовизуальные записи), предусмотренными настоящим Соглашением.

Статья 7

Стороны будут способствовать заключению соглашений и соответствующих программ между учреждениями в области радиовещания, телевидения и информационных агентств своих стран.

Статья 8

Для защиты своего национального достоинства каждая из Сторон обязуется принимать меры для предотвращения незаконного вывоза и ввоза культурных ценностей и документов другой Стороны, имеющих историческую, художественную или духовную ценность, обеспечивать за ними контроль и их сохранность, когда они временно находятся на ее территории.

Статья 9

Стороны изучат возможность взаимного признания эквивалентности документов об образовании и ученых степенях, выданных на территории другой Стороны. В этих целях они будут регулярно обмениваться необходимой информацией.

Статья 10

Стороны будут способствовать развитию отношений в области физической культуры и спорта путем обмена спортивными делегациями, тренерами и специалистами. Особое внимание будет уделяться подготовке тренерских кадров.

Стороны будут обмениваться спортивной документацией, имеющейся в обеих странах. Конкретные формы и финансовые условия сотрудничества будут регулироваться соглашениями, заключенными между заинтересованными учреждениями.

Статья 11

В рамках настоящего Соглашения Стороны будут содействовать сотрудничеству и обмену между неправительственными организациями, ставящими своей целью взаимное ознакомление с культурой обеих стран.

Статья 12

Стороны обязуются расширять формы и совершенствовать методы сотрудничества между молодежными организациями обеих стран и выражают интерес к развитию молодежных обменов.

Исходя из этого Стороны приступят к обмену информацией и документацией, который в области молодежного сотрудничества приобретает решающий характер и делает возможным ознакомление с жизнью молодежи в каждой из стран с целью расширения в будущем взаимного сотрудничества.

Стороны будут поощрять также участие российской и португальской молодежи в мероприятиях, проводимых молодежными организациями в обеих странах в различных областях, результативность которых будет проанализирована Сторонами в каждом конкретном случае.

Статья 13

В целях практического осуществления настоящего Соглашения Стороны создадут смешанную комиссию, которой будут поручены разработка программ обменов и сотрудничества, а также согласование соответствующих финансовых условий их реализации.

Смешанная комиссия будет созываться по мере необходимости поочередно в Российской Федерации и Португальской Республике в сроки и даты, согласованные Сторонами по дипломатическим каналам.

Координация деятельности комиссии и рабочих групп экспертов возлагается на министерства иностранных дел Российской Федерации и Португальской Республики.

Программы обменов, которые будут осуществляться во исполнение настоящего Соглашения, не исключают других обменов, организуемых с согласия Сторон.

Статья 14

Возможные разногласия по толкованию или применению положений настоящего Соглашения будут разрешаться по взаимной договоренности Сторон.

Статья 15

Настоящее Соглашение вступает в силу с даты последнего письменного уведомления, подтверждающего выполнение каждой Стороной предусмотренных ее законодательством процедур, необходимых для его вступления в силу.

Статья 16

Настоящее Соглашение действует в течение 5 лет с момента его вступления в силу и будет автоматически продлеваться каждый раз на такие же сроки, если одна из Сторон за шесть месяцев до истечения соответствующего срока не сообщит другой Стороне в письменной форме о своем намерении прекратить его действие.

Совершено в г. _____ 1994 г. в двух экземплярах, каждый на португальском и русском языках, причем оба текста имеют одинаковую силу.

За Правительство
Португальской Республики

Wm L. J. J.

За Правительство
Российской Федерации

В. В. Путин

Decreto n.º 23/95

de 15 de Julho

Nos termos da alínea c) do n.º 1 do artigo 200.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:
Artigo único. É aprovado o Acordo de Promoção e Protecção Recíproca de Investimentos entre a Repú-

blica Portuguesa e a República do Peru e o Protocolo anexo, assinados em Lisboa, a 22 de Novembro de 1994, cujas versões autênticas nas línguas portuguesa e castelhana seguem em anexo ao presente decreto.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros de 11 de Maio de 1995. — *Aníbal António Cavaco Silva* — *Eduardo de Almeida Catroga* — *José Manuel Durão Barroso* — *Fernando Manuel Barbosa Faria de Oliveira*.

Assinado em 21 de Junho de 1995.

Publique-se.

O Presidente da República, MÁRIO SOARES.

Referendado em 24 de Junho de 1995.

O Primeiro-Ministro, *Aníbal António Cavaco Silva*.

ACORDO ENTRE A REPÚBLICA PORTUGUESA E A REPÚBLICA DO PERU SOBRE A PROMOÇÃO E A PROTEÇÃO RECÍPROCA DE INVESTIMENTOS.

A República Portuguesa e a República do Peru adiante designadas «Partes Contratantes»:

Animadas do desejo de intensificar a cooperação económica entre os dois Estados;

Tendo em conta a necessidade de promover condições favoráveis para a realização de investimentos pelos investidores de uma Parte Contratante no território da outra Parte Contratante; Reconhecendo que a protecção recíproca destes investimentos contribuirá para o desenvolvimento da cooperação mutuamente vantajosa nos domínios económico, comercial, técnico e científico;

acordam o seguinte:

Artigo 1.º

Para efeitos do presente Acordo, entende-se que:

1 — O termo «investimentos» compreenderá toda a espécie de bens e direitos relacionados com actividades económicas, efectuados por um investidor de uma das Partes Contratantes no território da outra Parte Contratante e de acordo com as leis desta última, incluindo, em particular, mas não exclusivamente:

- a) A propriedade de bens móveis e imóveis, bem como outros direitos reais, tais como hipotecas e penhores, ónus ou encargos;
- b) Acções, quotas ou outros direitos de participação que representem o capital de sociedades ou quaisquer outras formas de participação;
- c) Direitos de crédito ou qualquer outro direito com valor económico;
- d) Direitos de autor, direitos de propriedade industrial, tais como patentes, conhecimentos e procedimentos tecnológicos (*know-how*), marcas, denominações comerciais, desenhos industriais e clientela (aviamento);
- e) Concessões conferidas por lei ou acto administrativo de uma autoridade pública competente ou em virtude de um contrato, incluindo concessões para prospecção, pesquisa e exploração de recursos naturais.

Qualquer alteração na forma de realização do investimento não afectará a sua natureza, desde que essa alteração seja feita de acordo com a legislação da Parte Contratante no território da qual o investimento é realizado.

2 — O termo «rendimentos» designa as quantias geradas por um investimento num determinado período, tais como lucros e dividendos, juros e outros rendimentos gerados de acordo com a lei e nos termos do presente Acordo.

3 — O termo «liquidação do investimento» significará que o investimento terminou de acordo com as disposições legais vigentes no território da Parte Contratante em que o investimento em causa tenha sido efectuado.

4 — O termo «investidor» designará:

- a) Pessoas singulares, com a nacionalidade de qualquer das Partes Contratantes, de acordo com a respectiva lei;
- b) Empresas, incluindo sociedades ou outras formas de associação, com ou sem personalidade jurídica, que tenham sede no território de uma das Partes Contratantes e estejam constituídas de acordo com a legislação dessa Parte Contratante.

5 — O termo «território» compreenderá o território sob a soberania da República Portuguesa, por um lado, e o território sob a soberania da República do Peru, por outro, tal como definido nas respectivas constituições políticas.

Artigo 2.º

1 — Ambas as Partes Contratantes promoverão e protegerão mutuamente nos seus territórios os investimentos efectuados por investidores da outra Parte Contratante, admitindo tais investimentos de acordo com as suas leis e regulamentos e concedendo a esses investimentos protecção e tratamento justos e equitativos.

2 — No caso de os rendimentos de um investimento virem a ser reinvestidos, esse reinvestimento e os seus rendimentos gozarão da mesma protecção que o investimento inicial.

Artigo 3.º

1 — Nenhuma Parte Contratante sujeitará, no seu território, os investimentos efectuados por investidores de uma Parte Contratante a um tratamento menos favorável do que o concedido aos investimentos efectuados pelos seus próprios investidores ou investidores de terceiros Estados, prevalecendo o que for mais favorável.

2 — Nenhuma Parte Contratante sujeitará os investidores da outra Parte Contratante, no que respeita a actividades relacionadas com a administração, uso e manutenção dos respectivos investimentos realizados no território da primeira Parte Contratante, a um tratamento menos favorável do que o concedido aos seus próprios investidores ou a investidores de terceiros Estados, prevalecendo o que for mais favorável.

3 — As disposições contidas nos n.ºs 1 e 2 deste artigo não afectam o tratamento mais favorável conce-

dido ou a conceder pelas Partes Contratantes a investimentos de investidores de terceiros Estados em virtude de:

- a) Participação em uniões aduaneiras, zonas de comércio livre ou outras formas idênticas de cooperação económica e integração regional;
- b) Acordos para evitar a dupla tributação ou outros acordos em matéria fiscal.

Artigo 4.º

1 — Cada Parte Contratante, em conformidade com a sua legislação, permitirá aos investidores da outra Parte Contratante, após o cumprimento das obrigações fiscais devidas, a livre transferência das importâncias relacionadas com os investimentos, nomeadamente:

- a) Do capital e das importâncias adicionais necessários à manutenção ou ampliação do investimento;
- b) Dos rendimentos do investimento;
- c) Das importâncias necessárias para o serviço e reembolso dos empréstimos, reconhecidos por ambas as Partes Contratantes como investimento;
- d) Do produto resultante da alienação ou da liquidação total ou parcial do investimento;
- e) Das indemnizações previstas no artigo 5.º do presente Acordo;
- f) De qualquer pagamento preliminar que possa ser efectuado em nome do investidor de acordo com o artigo 6.º do presente Acordo;
- g) Das remunerações percebidas por nacionais da outra Parte Contratante por trabalho ou serviços prestados relacionados com investimentos feitos no seu território, de acordo com as suas leis e regulamentos.

2 — As transferências referidas no parágrafo anterior serão efectuadas sem demora à taxa de câmbio em vigor na data de transferência, no território da Parte Contratante onde o investimento foi realizado.

Artigo 5.º

1 — Os investimentos efectuados por investidores de uma das Partes Contratantes no território da outra Parte Contratante não poderão ser expropriados, nacionalizados ou sujeitos a outras medidas com efeitos equivalentes à expropriação ou nacionalização (adiante designadas como expropriação), excepto por causa de interesse público declarado conforme a lei, de forma não discriminatória e mediante pronta indemnização.

2 — A indemnização deverá corresponder ao valor de mercado que o investimento expropriado tinha à data da expropriação, deverá ser paga sem demora, em moeda convertível. Vencerá juros anuais até à data do seu efectivo pagamento, à taxa bancária em vigor no território da Parte Contratante na qual o investimento foi realizado. O pagamento dessa compensação será livremente transferível.

3 — Os investidores de uma das Partes Contratantes que venham a sofrer perdas de investimentos no território da outra Parte Contratante em virtude de guerra, conflito armado, estado de emergência nacional ou outros eventos similares, não receberão dessa

Parte Contratante tratamento menos favorável do que o concedido aos seus próprios investidores. As compensações daí resultantes deverão ser livremente transferíveis.

Artigo 6.º

1 — No caso de uma das Partes Contratantes ou a agência por ela designada efectuar pagamentos a um dos seus investidores por virtude de uma garantia prestada a um investimento realizado no território da outra Parte Contratante, esta última reconhecerá:

- a) A sub-rogação, por força da lei ou em resultado de uma transacção legal no território dessa Parte Contratante, de qualquer direito ou acção, pelo investidor a favor da primeira Parte Contratante ou da agência por ela designada; bem como
- b) Que a primeira Parte Contratante ou a agência por ela designada tem capacidade para, em virtude da sub-rogação, exercer os direitos e as acções nos mesmos termos que o investidor, assumindo as obrigações relacionadas com o investimento.

2 — No caso de sub-rogação, tal como se encontra definida no parágrafo 1 deste artigo, o investidor não intentará qualquer acção judicial sem prévia autorização da Parte Contratante ou agência por ela designada.

Artigo 7.º

1 — Os diferendos que surjam entre um investidor de uma das Partes Contratantes e a outra Parte Contratante referentes a investimentos realizados em conformidade com este Acordo serão, na medida do possível, resolvidos de forma amigável pelas partes em litígio.

2 — Se esses diferendos não puderem ser resolvidos no prazo de seis meses a contar da data em que qualquer das Partes requerer a resolução amigável, o investidor pode submeter os diferendos ao tribunal competente da Parte Contratante em causa.

3 — Em alternativa ao previsto no número anterior, o investidor pode submeter o diferendo a arbitragem, por recurso quer:

- a) Ao Centro Internacional para a Resolução de Diferendos Relativos a Investimentos criado pela Convenção para a Resolução de Diferendos entre Estados e Nacionais de Outros Estados, celebrada em Washington em 18 de Março de 1965 (CIRDI); quer
- b) A um tribunal arbitral *ad hoc* constituído de acordo com as regras de arbitragem da Comissão das Nações Unidas sobre Direito Comercial Internacional (CNUDCI).

4 — A sentença será final é obrigatória para ambas as partes em litígio e será executada de acordo com a lei interna da Parte Contratante em causa.

Artigo 8.º

1 — Os diferendos que surgirem entre as Partes Contratantes sobre a interpretação e aplicação do presente Acordo serão resolvidos, na medida do possível, através de negociações entre as Partes Contratantes.

2 — Se as Partes Contratantes não chegarem a acordo dessa maneira, no prazo de seis meses após o início das negociações, o diferendo será submetido a um tribunal arbitral, a pedido de qualquer das Partes Contratantes.

3 — O tribunal será constituído *ad-hoc*. No prazo de dois meses a contar da data da recepção do pedido de arbitragem, cada Parte Contratante deverá nomear um membro do tribunal. Esses dois membros deverão escolher um nacional de um terceiro Estado, que será nomeado presidente do tribunal, por comum acordo entre as Partes Contratantes. O presidente será nomeado no prazo de dois meses a contar da data da nomeação dos restantes dois membros.

4 — Se as nomeações não tiverem sido efectuadas dentro dos prazos fixados no parágrafo 3 deste artigo, qualquer das Partes Contratantes pode, na ausência de outro acordo, solicitar ao presidente do Tribunal Internacional de Justiça que proceda às necessárias nomeações.

Se o presidente estiver impedido ou for nacional de uma das Partes Contratantes as nomeações caberão ao vice-presidente.

Se este também estiver impedido ou for nacional de uma das Partes Contratantes, as nomeações caberão ao membro do Tribunal Internacional de Justiça que se siga na hierarquia, desde que não seja nacional de qualquer das Partes Contratantes.

5 — O presidente e os membros do tribunal arbitral têm de ser nacionais de um Estado com o qual ambas as Partes Contratantes mantenham relações diplomáticas.

6 — O tribunal arbitral decidirá com base nas disposições do presente Acordo, bem como nos princípios e regras de direito internacional geralmente aceites. O tribunal arbitral decidirá por maioria de votos. As suas decisões serão definitivas e obrigatórias para ambas as Partes Contratantes. O tribunal determinará as suas próprias regras processuais.

7 — A cada uma das Partes Contratantes caberão as despesas do respectivo árbitro, bem como da respectiva representação no processo arbitral. Ambas as Partes Contratantes suportarão em partes iguais as despesas do presidente, bem como as demais despesas.

Artigo 9.º

1 — Se para além do presente Acordo, as disposições de outro acordo internacional em vigor ou que venha a vigorar entre as duas Partes Contratantes ou a regulamentação interna de qualquer das Partes Contratantes estabelecer um regime, geral ou especial, que confira aos investimentos efectuados por investidores da outra Parte Contratante um tratamento mais favorável do que o previsto no presente Acordo, prevalecerá sobre este o regime mais favorável.

2 — Sem prejuízo do disposto no presente Acordo, cada Parte Contratante compromete-se a assumir todos os compromissos já existentes relativos a investimentos realizados por investidores da outra Parte Contratante no seu território.

Artigo 10.º

O presente Acordo aplicar-se-á a todos os investimentos realizados antes e depois da entrada em vigor do mesmo, por investidores de uma Parte Contratante no

território da outra Parte Contratante, desde que efectuados em conformidade com as respectivas disposições legais. No entanto, não se aplicará às controvérsias surgidas antes da sua entrada em vigor.

Artigo 11.º

Os representantes das Partes Contratantes deverão, sempre que necessário, realizar reuniões sobre qualquer matéria relacionada com a aplicação deste Acordo. Estas reuniões serão realizadas sob proposta de uma das Partes Contratantes em lugar e data a acordar por via diplomática.

Artigo 12.º

1 — Este Acordo entrará em vigor na data em que ambas as Partes Contratantes tiverem notificado uma à outra, por escrito, do cumprimento dos respectivos procedimentos legais internos e permanecerá em vigor por um período de 15 anos.

2 — Este Acordo permanecerá em vigor se nenhuma das Partes Contratantes notificar por escrito a outra Parte Contratante da sua decisão de o denunciar, 12 meses antes da data do termo do período de 15 anos, e será considerado automaticamente renovado nos mesmos termos e por períodos sucessivos de 5 anos.

3 — No caso de o presente Acordo ser denunciado, as disposições dos artigos 1.º a 11.º continuarão em vigor por um período de 15 anos quanto aos investimentos realizados antes de a denúncia do presente Acordo se tornar efectiva.

Feito em Lisboa, aos 22 dias do mês de Novembro do ano de 1994, em dois exemplares, em português e castelhano, sendo ambos os textos igualmente autênticos.

Pela República Portuguesa:

José Manuel Durão Barroso, Ministro dos Negócios Estrangeiros.

Pela República do Peru:

Efrain Goldenberg Schreiber, Presidente do Conselho de Ministros e Ministro das Relações Exteriores.

PROTOCOLO

Por ocasião da assinatura do Acordo sobre Promoção e Protecção Recíproca de Investimentos entre a República Portuguesa e a República do Peru, os plenipotenciários abaixo assinados acordaram ainda nas seguintes disposições que constituem parte integrante do referido Acordo:

1 — Em relação ao artigo 2.º do presente Acordo: no caso da República Portuguesa, as disposições do artigo 2.º aplicar-se-ão aos investidores da outra Parte Contratante que já estejam estabelecidos no território da República Portuguesa e pretendam ampliar as suas actividades ou estabelecer-se noutros sectores. Tais investimentos serão considerados como novos e, como tal, deverão ser realizados de acordo com as regras que

regulam o acesso ao exercício das actividades económicas, nos termos estabelecidos no artigo 2.º do presente Acordo.

2 — Com respeito ao artigo 3.º do presente Acordo: as Partes Contratantes consideram que as disposições do artigo 3.º do presente Acordo não prejudicam o direito de cada uma das Partes Contratantes de aplicar as disposições pertinentes do seu direito fiscal que estabeleçam uma distinção entre contribuintes que não se encontrem em idêntica situação no que se refere ao seu lugar de residência ou ao lugar em que o seu capital é investido.

Em nenhum caso o disposto no parágrafo anterior se entenderá como uma criação, modificação ou extinção de impostos.

Feito em Lisboa, aos 22 dias do mês de Novembro do ano de 1994, em dois exemplares, em português e castelhano, sendo ambos os textos igualmente autênticos.

Pela República Portuguesa:

José Manuel Durão Barroso, Ministro dos Negócios Estrangeiros.

Pela República do Peru:

Efrain Goldenberg Schreiber, Presidente do Conselho de Ministros e Ministro das Relações Exteriores.

ACUERDO ENTRE LA REPÚBLICA PORTUGUESA Y LA REPÚBLICA DEL PERU SOBRE PROMOCIÓN Y PROTECCIÓN RECÍPROCA DE INVERSIONES.

La República Portuguesa y la República del Perú, en adelante denominados «Partes Contratantes»:

Animadas del deseo de intensificar la cooperación económica entre los dos Estados;

Teniendo en cuenta la necesidad de promover condiciones favorables para la realización de inversiones por los inversionistas de una Parte Contratante en el territorio de la otra Parte Contratante;

Reconociendo que la protección recíproca de esas inversiones contribuirá para el desarrollo de la cooperación mutuamente ventajosa en las áreas económica, comercial, técnica y científica;

acuerdan lo siguiente:

Artículo 1.º

Para efectos del presente Acuerdo, se entiende que:

1 — El término «inversiones» comprenderá toda especie de bienes y derechos relacionados con actividades económicas, efectuadas por un inversionista de una de las Partes Contratantes en el territorio de la otra Parte Contratante y de acuerdo con las leyes de esta última, incluyendo, en particular, pero no exclusivamente:

- a) La propiedad de bienes muebles e inmuebles, así como otros derechos reales, tales como hipotecas, gravámenes y derechos de prenda;
- b) Acciones, cuotas u otros derechos de participación que representen el capital de sociedades o cualesquiera otras formas de participación;

- c) Derechos de crédito o cualquier otro derecho con valor económico;
- d) Derechos de autor, derechos de propiedad industrial, tales como patentes, conocimientos y procedimientos tecnológicos (*know-how*), marcas, denominaciones comerciales, diseños industriales y derechos de llave (*goodwill*);
- e) Concesiones otorgadas por ley o acto administrativo de una autoridad pública competente, o en virtud de un contrato, incluyendo concesiones para prospección, exploración y explotación de recursos naturales.

Cualquier modificación en la forma de realización de la inversión no afectará su naturaleza, siempre y cuando esa modificación sea hecha de acuerdo a la legislación de la Parte Contratante en el territorio de la cual la inversión es realizada.

2 — El término «ganancias» designa los montos generados por una inversión en un determinado período, tales como utilidades y dividendos, intereses y otros ingresos generados de acuerdo a la ley y en los términos del presente Acuerdo.

3 — El término «liquidación de la inversión» significará que la inversión culminó de acuerdo a las disposiciones legales vigentes en el territorio de la Parte Contratante en que dicha inversión haya sido efectuada.

4 — El término «inversionista» designará:

- a) Las personas naturales, con la nacionalidad de cualquiera de las Partes Contratantes, de acuerdo con su respectiva legislación;
- b) Empresas, incluyendo sociedades u otras formas de asociación, con o sin personalidad jurídica, que tengan sede en el territorio de una de las Partes Contratantes y estén constituidas de acuerdo con la legislación de esa Parte Contratante.

5 — El término «territorio» comprenderá el territorio bajo la soberanía de la República Portuguesa, por un lado, y el territorio bajo la soberanía de la República del Perú, por otro, tal como es definido en sus respectivas constituciones políticas.

Artículo 2.º

1 — Ambas Partes Contratantes promoverán y protegerán mutuamente en sus territorios las inversiones efectuadas por inversionistas de la otra Parte Contratante, admitiendo tales inversiones de acuerdo a sus leyes y reglamentos, y concediendo a esas inversiones protección y un tratamiento justo y equitativo.

2 — En el caso que las ganancias de una inversión sean reinvertidas, esa reinversión y sus ganancias gozarán de la misma protección que la inversión inicial.

Artículo 3.º

1 — Ninguna Parte Contratante someterá, en su territorio, a las inversiones efectuadas por inversionistas de la otra Parte Contratante a un tratamiento menos favorable que el concedido a las inversiones efectuadas por sus propios inversionistas o inversionistas de terceros Estados, prevaleciendo lo que fuere más favorable.

2 — Ninguna Parte Contratante someterá a los inversionistas de la otra Parte Contratante, en lo que res-



pecta a actividades relacionadas con la administración, uso y mantenimiento de las respectivas inversiones realizadas en el territorio de la primera Parte Contratante, a un tratamiento menos favorable que el concedido a sus propios inversionistas o a inversionistas de terceros Estados, prevaleciendo lo que fuere más favorable.

3 — Las disposiciones contenidas en los párrafos 1 y 2 de este artículo no se extenderán al tratamiento más favorable concedido o a conceder por las Partes Contratantes a las inversiones de inversionistas de terceros Estados en virtud de:

- a) Participación en uniones aduaneras, zonas de libre comercio u otras formas idénticas de cooperación económica e integración regional;
- b) Acuerdos para evitar la doble tributación u otros acuerdos en materia impositiva.

Artículo 4.º

1 — Cada Parte Contratante, de conformidad con su legislación, permitirá a los inversionistas de la otra Parte Contratante, después del cumplimiento de las obligaciones fiscales debidas, la libre transferencia de los pagos relacionados con las inversiones, a saber:

- a) Del capital y de los pagos adicionales para el mantenimiento o la ampliación de la inversión;
- b) De las ganancias de la inversión;
- c) De las sumas necesarias para el servicio y recaudación de los préstamos, que ambas Partes Contratantes hayan reconocido como inversión;
- d) Del producto resultante de la venta o liquidación total o parcial de la inversión;
- e) De las indemnizaciones previstas en el artículo 5.º del presente Acuerdo;
- f) De cualquier pago inicial que pueda ser efectuado en nombre del inversionista, de acuerdo con el artículo 6.º del presente Acuerdo;
- g) De las remuneraciones percibidas por nacionales de la otra Parte Contratante por trabajo o servicios prestados relacionados con inversiones hechas en su territorio, de acuerdo con sus leyes y reglamentos.

2 — Las transferencias referidas en el párrafo anterior serán efectuadas sin demora, al tipo de cambio vigente en la fecha de la transferencia, en el territorio de la Parte Contratante donde la inversión fue realizada.

Artículo 5.º

1 — Las inversiones efectuadas por inversionistas de una de las Partes Contratantes en el territorio de la otra Parte Contratante no podrán ser expropiadas, nacionalizadas o sometidas a otras medidas con efectos equivalentes a la expropiación o nacionalización (en adelante designadas como «expropiación»), excepto por causa de interés público declarado conforme a ley, de forma no discriminatoria y mediante pronta indemnización.

2 — La indemnización deberá corresponder al valor de mercado que la inversión expropiada tenga a la fecha de la expropiación y deberá ser pagada sin demora, en moneda convertible. Devengará intereses anuales hasta la fecha de su pago efectivo, de acuerdo a la tasa bancaria vigente en el territorio de la Parte Contratante

en que la inversión fue realizada. El pago de esa compensación será libremente transferible.

3 — Los inversionistas de una de las Partes Contratantes que sufran pérdida de sus inversiones en el territorio de la otra Parte Contratante en virtud de guerra, conflicto armado, estado de emergencia nacional u otros eventos similares, no recibirán de esa Parte Contratante un tratamiento menos favorable que el concedido a sus inversionistas. Las compensaciones de ahí resultantes deberán ser libremente transferibles.

Artículo 6.º

1 — En el caso de que una de las Partes Contratantes o la agencia por ella designada efectúe pagos a uno de sus inversionistas en virtud de una garantía prestada a una inversión realizada en el territorio de la otra Parte Contratante, esta última reconocerá:

- a) La subrogación, por fuerza de ley o como resultado de una transacción legal en el territorio de esa Parte Contratante, de cualquier derecho o acción, del inversionista a favor de la primera Parte Contratante o de la agencia por ella designada; así como
- b) Que la primera Parte Contratante o la agencia por ella designada tenga capacidad para, en virtud de la subrogación, ejercer los derechos y las acciones en los mismos términos que el inversionista, asumiendo las obligaciones relacionadas con la inversión.

2 — En el caso de la subrogación, tal como se encuentra definida en el párrafo 1 de este artículo, el inversionista no intentará acciones judiciales sin previa autorización de la Parte Contratante o de la agencia por ella designada.

Artículo 7.º

1 — Las controversias que surjan entre un inversionista de una Parte Contratante y la otra Parte Contratante referentes a las inversiones realizadas de conformidad con el presente Acuerdo serán, en la medida de lo posible, resueltas de forma amigable por las partes en controversia.

2 — Si esas controversias no pudieran ser resueltas en el plazo de seis meses, a partir de la fecha en la cual cualquiera de las Partes requiera una resolución amigable, el inversionista puede someter las controversias al tribunal competente de la Parte Contratante en cuestión.

3 — Como alternativa a lo previsto en el párrafo anterior, el inversionista puede someter la controversia a arbitraje, por recurso, sea:

- a) Al Centro Internacional de Arreglo de Diferencias Relativas a Inversiones, creado por el Convenio sobre Arreglo de Diferencias Relativas a Inversiones entre Estados y Nacionales de otros Estados, celebrada en Washington el 18 de marzo de 1965 (CIADI); o
- b) A un tribunal arbitral *ad hoc* constituido de acuerdo a las reglas de arbitraje de la Comisión de las Naciones Unidas sobre Derecho Mercantil Internacional (CNUDMI).

4 — El laudo será definitivo y obligatorio para ambas partes en litigio y será ejecutado de acuerdo a la legislación interna de la Parte Contratante en mención.

Artículo 8.º

1 — Las controversias que surjan entre las Partes Contratantes sobre la interpretación y aplicación del presente Acuerdo serán resueltas, en la medida de lo posible, a través de negociaciones entre las Partes Contratantes.

2 — Si las Partes Contratantes no llegasen a un acuerdo de esa manera, en el plazo de seis meses después del inicio de las negociaciones, la controversia será sometida a un tribunal arbitral, a pedido de cualquiera de las Partes Contratantes.

3 — El tribunal será constituido en forma *ad hoc*. En el plazo de dos meses a contar desde la fecha de recepción del pedido de arbitraje, cada Parte Contratante deberá nombrar un miembro del tribunal. Esos dos miembros deberán escoger un nacional de un tercer Estado, que será nombrado presidente del tribunal por común acuerdo entre las Partes Contratantes. El presidente será nombrado en el plazo de dos meses a partir de la fecha de nombramiento de los restantes dos miembros.

4 — Si los nombramientos no hubieren sido efectuados dentro de los plazos fijados en el párrafo 3 de este artículo, cualquiera de las Partes Contratantes puede, en ausencia de otro acuerdo, solicitar al presidente de la Corte Internacional de Justicia que proceda a efectuar dichos nombramientos.

Si el presidente estuviera impedido o fuere nacional de una de las Partes Contratantes, los nombramientos serán efectuados por el vice-presidente. Si éste estuviera también impedido o fuere nacional de una de las Partes Contratantes, los nombramientos serán efectuados por el miembro de la Corte Internacional de Justicia que le siga en orden de jerarquía, siempre y cuando no sea nacional de cualquiera de las Partes Contratantes.

5 — El presidente y los miembros del tribunal deben ser nacionales de Estados con los cuales ambas Partes Contratantes mantengan relaciones diplomáticas.

6 — El tribunal arbitral decidirá sobre la base de las disposiciones del presente Acuerdo, así como en los principios y reglas del derecho internacional generalmente aceptados. El tribunal arbitral decidirá por mayoría de votos. Sus decisiones serán definitivas y obligatorias para ambas Partes Contratantes. El tribunal determinará sus propias reglas procesales.

7 — Cada una de las Partes Contratantes sufragará los costos de su respectivo árbitro, así como de la respectiva representación en el proceso arbitral. Ambas Partes Contratantes sufragarán en partes iguales los costos del presidente, así como los demás gastos.

Artículo 9.º

1 — Si en adición del presente Acuerdo, las disposiciones de otro acuerdo internacional en vigencia o que entre en vigencia en el futuro entre las dos Partes Contratantes, o la reglamentación interna de cualquiera de las Partes Contratantes estableciera un régimen general o especial, que confiera a las inversiones efectuadas por inversionistas de la otra Parte Contratante un tratamiento más favorable que el previsto en el presente Acuerdo, prevalecerá el régimen más favorable.

2 — Sin perjuicio de lo dispuesto en el presente Acuerdo, cada Parte Contratante se compromete a cumplir los compromisos que haya contraído relativos a las inversiones realizadas por inversionistas de la otra Parte Contratante en su territorio.

Artículo 10.º

El presente Acuerdo se aplicará a todas las inversiones realizadas antes y después de la fecha de entrada en vigencia, por inversionistas de una Parte Contratante en el territorio de la otra Parte Contratante, siempre y cuando hayan sido efectuadas de conformidad con las respectivas disposiciones legales. Sin embargo, no se aplicará a las controversias que hayan surgido antes de su entrada en vigor.

Artículo 11.º

Los representantes de las Partes Contratantes deberán, siempre que sea necesario, celebrar reuniones sobre cualquier materia relacionada con la aplicación de este Acuerdo. Estas reuniones serán realizadas a propuesta de una de las Partes Contratantes en lugar y fecha a acordar por vía diplomática.

Artículo 12.º

1 — El presente Acuerdo entrará en vigencia en la fecha en que ambas Partes Contratantes se hayan notificado, una a la otra, por escrito del cumplimiento de los respectivos procedimientos legales internos y permanecerá en vigencia por un período de 15 años.

2 — El presente Acuerdo permanecerá en vigencia si ninguna de las Partes Contratantes notifica por escrito, a la otra Parte Contratante, su decisión de denunciarlo 12 meses antes de la fecha del término del período de 15 años y será considerado automáticamente renovado en los mismos términos y por períodos sucesivos de 5 años.

3 — En el caso que el presente Acuerdo sea denunciado, las disposiciones de los artículos 1.º al 11.º continuarán en vigencia por un período de 15 años respecto de las inversiones realizadas antes que la denuncia del presente Acuerdo sea efectiva.

Hecho en Lisboa, el 22 de noviembre de 1994, en dos ejemplares, en portugués y castellano, siendo ambos textos igualmente auténticos.

Por la República Portuguesa:

José Manuel Durão Barroso, Ministro de Relaciones Exteriores.

Por la República del Perú:

Efrain Goldenberg Schreiber, Presidente del Consejo de Ministros y Ministros de Relaciones Exteriores.

PROTOCOLO

En ocasión de la firma del Acuerdo sobre Promoción y Protección Recíproca de Inversiones entre la República Portuguesa y la República del Perú, los plenipotenciarios que suscriben han acordado, además, las

siguientes disposiciones, que constituyen parte integrante del citado Acuerdo:

1 — En relación con el artículo 2.º del presente Acuerdo: en el caso de la República Portuguesa, las disposiciones del artículo 2.º se aplicarán a los inversionistas de la otra Parte Contratante que estén establecidos en el territorio de la República Portuguesa y que decidan ampliar sus actividades o establecerse en otros sectores. Dichas inversiones serán consideradas como nuevas y, como tales, deberán realizarse conforme a las reglas que regulan el acceso al ejercicio de las actividades económicas, en los términos establecidos en el artículo 2.º del presente Acuerdo.

2 — Con respecto al artículo 3.º del presente Acuerdo: las Partes Contratantes consideran que las disposiciones de este artículo 3.º no perjudican el derecho de cada una de las Partes Contratantes a aplicar las disposiciones pertinentes de su derecho tributario que hagan una distinción entre contribuyentes que no estén en idéntica situación en lo referente a su lugar de residencia o al lugar donde su capital sea invertido.

En ningún caso lo dispuesto en el párrafo anterior se entenderá como una creación, modificación o supresión de tributos.

Hecho en Lisboa, el 22 de noviembre de 1994, en dos ejemplares, en portugués y castellano, siendo ambos textos igualmente auténticos.

Por la República Portuguesa:

José Manuel Durão Barroso, Ministro de Relaciones Exteriores.

Por la República del Perú:

Efraim Goldenberg Schreiber, Presidente del Consejo de Ministros y Ministro de Relaciones Exteriores.

Decreto n.º 24/95

de 15 de Julho

Nos termos da alínea c) do n.º 1 do artigo 200.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

Artigo único. É aprovado, para adesão, o Acordo Internacional sobre Cumprimento de Medidas de Conservação e Gestão de Recursos no Alto Mar, adoptado pela Conferência da FAO na sua 27.ª sessão de Novembro de 1993, através da Resolução n.º 15/93, cuja versão autêntica em língua francesa e respectiva tradução em língua portuguesa seguem em anexo ao presente decreto.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros de 1 de Junho de 1995. — *Aníbal António Cavaco Silva* — *José Manuel Durão Barroso* — *António Baptista Duarte Silva*.

Ratificado em 21 de Junho de 1995.

Publique-se.

O Presidente da República, MÁRIO SOARES.

Referendado em 24 de Junho de 1995.

O Primeiro-Ministro, *Aníbal António Cavaco Silva*.

ACCORD VISANT A FAVORISER LE RESPECT PAR LES NAVIRES DE PÊCHE EN HAUTE MER DES MESURES INTERNATIONALES DE CONSERVATION ET DE GESTION.

Préambule

Les Parties au présent Accord:

Reconnaissant que tous les Etats ont droit à ce que leurs ressortissants pêchent en haute mer, sous réserve des règles pertinentes du droit international telles que reflétées dans la Convention des Nations Unies sur le droit de la mer;

Reconnaissant en outre que, en vertu du droit international tel que reflété dans la Convention des Nations Unies sur le droit de la mer, tous les Etats ont l'obligation de prendre, à l'égard de leurs ressortissants, les mesures qui peuvent être nécessaires pour assurer la conservation des ressources biologiques de la haute mer, ou de coopérer avec d'autres Etats à la prise de telles mesures;

Prenant note du droit et de l'intérêt qu'ont tous les Etats de développer leurs activités de pêche suivant leur politique nationale, et de la nécessité de promouvoir la coopération avec les pays en développement en vue de les mettre en mesure de mieux remplir les obligations résultant du présent Accord;

Rappelant que le Programme «Action 21», adopté par la Conférence des Nations Unies sur l'environnement et le développement, demande aux Etats de prendre des mesures compatibles avec le droit international pour dissuader efficacement leurs ressortissants de changer de pavillon pour se soustraire aux règles de conservation et de gestion applicables à la pêche en haute mer; Rappelant en outre que la Déclaration de Cancún, adoptée par la Conférence internationale sur la pêche responsable, demande également aux Etats d'adopter des mesures à cet égard;

Avant à l'esprit qu'aux termes d'Action 21 les Etats s'engagent à conserver et à utiliser de manière durable les ressources biologiques marines de la haute mer;

Invitant les Etats qui ne font pas partie d'organisations ou d'arrangements mondiaux, régionaux ou sous-régionaux concernant la pêche à adhérer ou, selon le cas, à conclure des ententes avec ces organisations ou avec les parties à ces organisations et arrangements afin de favoriser l'application des mesures internationales de conservation et de gestion;

Conscientes que chaque Etat a le devoir d'exercer efficacement sa juridiction et son contrôle sur les navires battant son pavillon, y compris les navires de pêche et les navires participant au transbordement du poisson;

Considérant que l'attribution ou le changement de pavillon des navires de pêche utilisé comme moyen de se soustraire au respect des mesures internationales de conservation et de gestion des ressources biologiques marines, et l'échec des Etats du pavillon à s'acquitter de leurs responsabilités en ce qui concerne les navires de pêche autorisés à battre leur pavillon, comptent parmi les facteurs qui compromettent gravement l'efficacité de ces mesures;